

Nasceu no Funchal, em 1945. Jornalista e escritor, tem diversas obras publicadas. Foi secretário e, depois presidente da Associação dos Jornalistas e Homens das Letras.

Recebeu, em 2001, o Grande Prémio do Conto APE e em 1995, o Prémio Pédron de Honra (Galiza).

Algumas das suas obras são:

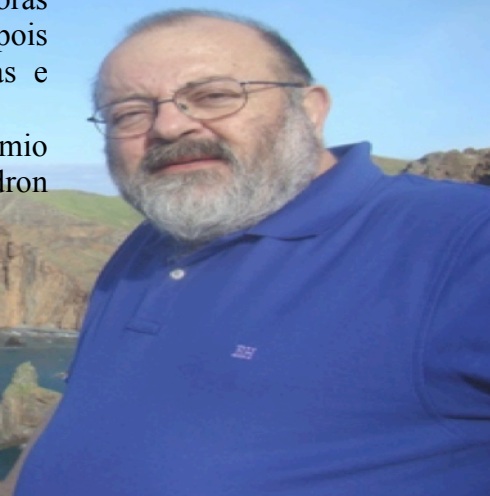
Portugal Lendário

O Adivinhão

Histórias da Deserta Grande

Saudades de ilha

Os meus misteriosos pais



“À Conversa com José Viale Moutinho”

Daniel Caires, 13 anos, Daniela Silva, 12 anos, Jéni Vieira, 14 anos, Leandro Gouveia, 13 anos, Lisandra do Nascimento, 14 anos e Sílvia Gonçalves, 13 anos, fizeram algumas perguntas ao escritor José Viale Moutinho, que foi convidado, no âmbito do Projeto *Báu da Leitura*, a vir à nossa escola. O escritor não deixou nenhuma pergunta sem resposta!

Qual o livro de que gostou mais de escrever?

Eu gostei de escrever o último livro e depois o próximo. Praticamente gostei de escrever todos os livros. Para a vossa idade talvez tivesse gostado de escrever o livro *Os meus misteriosos pais*, porque é um livro que eu conto o que é que se passou em Portugal antes do 25 de abril, o que é que os portugueses sofriam, sofreram, e sofreram bem, antes de haver a libertação no dia 25 de abril de 1974.

Sente-se satisfeito com a dimensão que a sua carreira atingiu?

Os livros atingiram várias dimensões cada um. Isso deixa-me satisfeito. Quanto mais longe, mais pessoas lerem os meus livros, isso deixa-me ficar cada vez mais satisfeito. Isso para mim é fundamental.

Quantos livros vendeu?

Não faço ideia. Quem sabe isso são os editores (...).

Qual era a sua disciplina preferida?

Era história e português. E a que eu mais detestava era desenho (...).

Era bom aluno em português?

Era. Era razoável. Eu nunca fui bom em nada. Tinha bons professores (...).

Alguma vez lhe foi recusada a publicação de um livro?

Já. Por diversas razões. Essas razões nem sempre são as mais claras. Em matéria editorial, há livros que os editores consideram que não vai poder vender. Se os editores tiverem uma ideia, que vão perder dinheiro com esse livro, eles não vão poder vender.

Gosta mais de escrever realidade ou ficção?

Gosto de ambas as coisas, porque as duas têm a ver uma com a outra.

Tem dificuldade em conciliar a sua vida de escritor com a sua vida familiar?

Não. A família é que tem dificuldade em conciliar (risos). Não, não tenho. Já estão todos habituados às minhas maluqueiras (risos).

Que conselhos daria a uma criança que não gosta de ler?

Que não gosta de ler?! (risos) Não lhe dava conselhos. Dava-lhe uma estalada (risos). Olhe, digo-lhe uma coisa, só lhe dizia: - ela não sabe o que perde e não acredito que não goste de ler. Se um dia ler um livro...olha, aconselhava-te a não ler nenhum livro. Se lê-se um livro, estava tramada. Nunca mais deixava de ler. [É tão porreiro ler, é tão bom ler!](#)

Tem algum lugar ou alguém como inspiração?

Lugares tenho muitos. Aqui na Madeira tenho imensos lugares. Até, aqui, o Curral das Freiras já me foi inspiração para uma data de histórias. E alguém (pausa)?! Sim, por exemplo, no meu livro de histórias chamado: *Pedro, o Pescador*, é um sobrinho meu que lá foi. Uma vez, o avô dele deu-nos uma cana de pesca, mas foi no dia em que ele foi para casa. Ele foi para o Porto, morava no continente. Ele morava ao pé de um rio. Deram-lhe a cana de pesca e ele foi meter-se na casa de banho e decidiu ir pescar para a banheira, e como tinha pouca água abriu a torneira da banheira e inundou a casa. Depois, o que aconteceu é o que aparece no livro *Pedro, o pescador*. Ele aparece em muitas histórias. Ele e os primos dele. Ou seja, as asneiras dos meus

sobrinhos apareciam todas nos meus livros de histórias e eles ficavam todos contentes por aparecerem nos livros. Eu divertia-me muito com isso!

Já pensou ter a sua própria editora?

Não. Isso obrigava-me a ter um trabalho diferente, acrescentado. Dou conselhos, às vezes, mas não gostava de ter uma editora.

Gosta de viver na Madeira?

Gosto! Vim para cá há quatro anos, porque gosto. Senão, não estava cá, e estive fora daqui 63 anos. Só vinha cá de vez em quando.

Lemos, na disciplina de português, alguns dos seus contos populares: “O Cavaleiro Negro” e “A velha espertalhona” da freguesia do Curral das Freiras. Quem contou esses contos?

Foram pessoas daqui que me contaram. Fui fazer a recolha de recontos. Normalmente vou aos sítios, falo com as pessoas e elas contam-me.

É importante que vocês, hoje, tenham interesse nisto. E também é importante hoje, neste tempo, hoje, que vocês façam o seguinte: se tiverem gravadores, usem o gravador, se não tiverem gravador, façam à unha. Vocês têm mãozinhas para isso. Esferográfica, caneta de tinta, lápis, papel. Falem com essas pessoas do campo, as mais velhas, sobretudo com pessoas analfabetas. Isso é muito importante. Essas pessoas têm ainda histórias melhor guardadas, e tomem nota de tudo quanto disser

respeito: histórias, adivinhas, contos, lendas, receitas... Tudo isso. Tomem nota disso tudo! Vocês dizem: - Pra quê? Vocês não sabem ainda para quê. Tomem nota disso! Ponham a data, o nome da pessoa, a idade que ela tem, onde é que nasceram e guardem isso bem guardado. Não sabem quando vão usar isso, mas têm isso bem guardado. Um dia, podem vir a precisar disso.

A mim aconteceu-me esta: ir a um sítio, em Trás-os-Montes, uma terra chamada Campo de Víboras, tomar nota duma quantidade dessas coisas com pessoas de muita idade.

- Agora, para o ano venho cá tomar nota de ainda mais coisas, com esta gente.

E quando lá voltei, eu tinha falado com dez pessoas. Dessas dez pessoas só duas é que estavam vivas.

Pois é! É que quando essas pessoas têm muita idade, lá vão.

Vão tomando nota dessas coisas todas, vão guardando. Pode ser que um dia venham a precisar disso. Até pode aparecer alguém a dizer: - Ah! Sobre a sua terra, há alguma coisa e tal... – e em vez de vocês dizerem: - Olha, havia aqui uma mulherzinha que sabia dessas coisas todas, mas já morreu. – vocês dizem:

- Havia aqui uma mulherzinha que sabia dessas coisas todas, que já morreu, mas eu falei com ela e tenho aqui na gaveta... olhe, era isto! - e vocês contribuem, assim, para o conhecimento de coisas da vossa terra.

O que sente cada vez que algum dos seus livros é publicado?

Fico todo contente. É como se o último livro fosse o primeiro. Gosto de ver um livro a sair!



Conteúdo integrado na sequência 2, do Programa de português de 6.º ano de escolaridade – *Nasci na era da comunicação* (Entrevista).